

Reflexões sobre a Ingenuidade

Frithjof Schuon

A atribuição de um espírito ingênuo a todos os que nos precederam é o meio mais simples de realçarmo-nos a nós mesmos, e é tanto mais fácil e sedutor quanto se baseia em parte em comprovações exatas, ainda que fragmentárias, e exploradas a fundo — com a ajuda de generalizações abusivas e interpretações arbitrárias — em função do evolucionismo progressista. Em primeiro lugar, seria necessário entendermo-nos acerca da própria noção de ingenuidade: se ser ingênuo é ser direto e espontâneo e ignorar a dissimulação e os subterfúgios, e também, sem dúvida, certas experiências, os povos não-modernos efetivamente possuem — ou possuíam — certa ingenuidade; mas, se ser ingênuo é simplesmente estar desprovido de inteligência e senso crítico e estar aberto a todos os enganos, certamente não há nenhuma razão para admitir que nossos contemporâneos sejam menos ingênuos do que nossos antepassados.

De qualquer modo, há poucas coisas que este ser "insulado" que é o "homem de nosso tempo" suporte menos do que o risco de parecer ingênuo; que pereça todo o resto, contanto que o sentimento de não se deixar enganar por nada fique a salvo. Na realidade, a maior das ingenuidades é crer que o homem possa escapar a toda ingenuidade em todos os planos e que lhe seja possível ser integralmente inteligente por seus próprios meios; querendo ganhar tudo por meio da astúcia, acaba-se por perder tudo na cegueira e na impotência. Os que censuram aos nossos antepassados terem sido tontamente crédulos esquecem, em primeiro lugar, que pode-se também ser tontamente incrédulo, e que em matéria de credulidade não há nada como as ilusões de que vivem os pretensos destruidores de ilusões; pois pode-se substituir uma credulidade simples por uma credulidade complicada — e adornada de meandros com uma dúvida indispensável que faz parte do estilo —, mas que é sempre credulidade; a complicação não torna o erro menos fácil, nem a tolice menos tola.

Contra as "estampas de Epinal" ¹ de uma Idade Média desesperadamente ingênua e um século XX perdidamente inteligente, diremos que a história não abole a simplicidade de espírito, mas vai deslocando-a, e que a ingenuidade mais flagrante é não dar-se conta disso; não há nada mais simplista do que essa pretensão de "recomeçar do zero" em todos os planos, ou esse auto-desenraizamento sistemático — e indizivelmente insolente — com que

¹. Cidade da França onde se imprimem desde o século XVIII imagens de história sagrada e profana de caráter muito popular.

se caracterizam algumas tendências do mundo contemporâneo. Querem atribuir não só aos homens da Idade Média, mas também às gerações precedentes, todo o tipo de enganos possíveis, e ter-se-ia vergonha de assemelhar-se a eles; o século XIX parece quase tão longínquo quanto a época merovíngia. As opiniões correntes provam que as pessoas se crêem incomparavelmente mais "realistas" que qualquer espírito de um passado inclusive recente; "nosso tempo" ou o "século XX", ou a "era atômica", parece flutuar como uma ilhota desgarrada, ou como uma mônada fabulosamente "lúcida", sobre milênios de infantilidade e aturdimento. O mundo contemporâneo é como um homem que tivesse vergonha de ter tido pais e quisesse ele mesmo criar-se e recriar o espaço, o tempo e todas as leis físicas, ou que quisesse extrair do nada um mundo objetivamente perfeito e subjetivamente confortável, e tudo isso por meio de uma atividade criadora sem Deus ou contra Deus; a desgraça é que, ao querer criar um Ser novo, os homens não terminam senão destruindo-se a si mesmos.

A média da juventude contemporânea tende, ao que parece, a fazer nossos pais responsáveis por todos os males, o que é uma atitude totalmente absurda, pois além do fato de que nossos pais poderiam fazer a mesma censura aos seus e assim sucessivamente, nada prova que os filhos da juventude atual não terão sólidas razões para fazer a mesma censura aos seus pais. Se os jovens de hoje declaram ser inocentes por princípio, visto que não têm nenhuma ideologia e não se interessam por política, eles esquecem que um mundo pode ir à deriva precisamente por essa razão; pode-se provocar uma desgraça fazendo algo, mas também pode-se provocar uma desgraça não fazendo nada, já que ninguém está só no mundo e outros se encarregam de pensar e agir por aqueles que não têm vontade de fazê-lo. O homem contemporâneo acumulou um número enorme de experiências, e daí certa desilusão, mas as conclusões que ele tira são tão falsas que reduzem praticamente a nada tudo o que ele adquiriu, ou deveria ter adquirido.

Um fato que pode induzir a erro, e que não deixa de ser explorado, é a analogia entre a infância dos indivíduos e a dos povos; mas essa analogia é apenas parcial, e sob certo aspecto inclusive inversa, na medida em que a coletividade é sob esse aspecto o contrário — ou a imagem invertida — do indivíduo. De fato, enquanto no indivíduo é a velhice que representa normalmente a sabedoria, esta coincide, na coletividade tradicional — e também na humanidade tomada em seu conjunto —, com a origem, isto é, a "idade de ouro" em relação à humanidade como um todo; mas, do mesmo modo que cada civilização decai à semelhança do gênero humano, ao afastar-se das origens e aproximar-se dos "últimos tempos", o indivíduo decai, ao menos fisicamente, com a idade; e, do mesmo modo que a época da Revelação ou a "idade de ouro" é um período em que o Céu e a Terra

se tocam e onde os Anjos conversam com os homens, a infância do indivíduo, sob certo ponto de vista, é um tempo de inocência, de felicidade e proximidade do Céu; há, pois, uma analogia direta com os ciclos da coletividade paralelamente a uma analogia inversa que situa a sabedoria na origem da vida coletiva e no final da vida individual. Não obstante isso, é inegável que uma sociedade envelhecida acumulou experiências e desenvolveu artes — mas isso não é mais que uma exteriorização — e isso é precisamente o que induz ao erro quando se aceitam *a priori* os postulados do evolucionismo.

Há, evidentemente, que distinguir entre uma ingenuidade que é intrínseca e outra extrínseca; esta última não existe senão de forma accidental e em relação com um mundo que procede de certas experiências, mas cheio de hipocrisia, de habilidade vã e de dissimulação; como um homem que ignora a existência da mentira, ou que só a conhece como pecado capital e excepcional, não seria ingênuo ao contato com uma sociedade ruim e covarde? Para uma pessoa patologicamente sem princípios, qualquer homem normal é um ingênuo; para os vigaristas, as pessoas honestas são os ingênuos. Inclusive certo senso crítico, longe de ser uma superioridade em si mesmo, não é senão uma excrescência produzida por um ambiente onde tudo está falsificado: é assim que a natureza produz reflexos de autodefesa e adaptações que só se explicam por determinado ambiente ou por circunstâncias crônicas; não é difícil concordar que as qualidades físicas particulares do esquimó ou do bosquímano não constituem em si mesmas uma superioridade.

Se as pessoas de antigamente parecem cândidas, é com frequência em função da perspectiva deformadora resultante da corrupção mais ou menos generalizada; acusá-las de ingênuas é, em suma, aplicar-lhes uma lei retroativa, juridicamente falando. Do mesmo modo, se determinado autor antigo pode dar a impressão de simplicidade de espírito, isto se deve em grande parte ao fato de que não tinha de levar em conta mil erros ainda desconhecidos nem mil possibilidades de má-interpretação, e também porque sua dialética não tinha de se parecer com uma dança escocesa entre ovos, dado que podia prescindir amplamente de matizes; as palavras ainda tinham um frescor e uma plenitude — ou uma magia — que nos é difícil imaginar no clima de inflação verbal em que vivemos.

A ingenuidade como simples falta de experiência é algo necessariamente muito relativo: os homens — as coletividades, de qualquer forma — não podem deixar de ser ingênuos em relação às experiências que não fizeram — e que manifestam possibilidades que não puderam prever — e aos que as realizaram é fácil julgar a inexperiência dos demais e crer-se superiores a eles; o que decide o valor dos homens não é o acúmulo de experiências, mas a capacidade de tirar proveito delas. Podemos ser mais perspicazes do que os outros com respeito às experiências que fizemos ao mesmo tempo em que somos

mais ingênuos em relação às experiências que ainda não fizemos ou somos incapazes de fazer e outros fizeram em nosso lugar; pois uma coisa é viver um acontecimento, e outra tirar as conseqüências dele. Brincar com fogo porque se ignora que ele queima é sem dúvida uma ingenuidade; mas lançar-se a si mesmo na água por ter um dedo queimado não é melhor, pois ignorar que o fogo queima não é mais ingênuo que não saber que pode-se escapar de outro modo que não afogando-se. O grande e clássico erro é remediar os abusos com outros abusos — eventualmente menores em aparência, mas mais fundamentais, por questionarem os princípios — ou, em outros termos, eliminar a doença matando o paciente.

Um tipo de ingenuidade que poderíamos censurar aos nossos antepassados no plano das ciências físicas é certa confusão de competências: na falta da experiência e da observação — mas decididamente não é isso que nos incomoda —, estavam às vezes propensos a superestimar o alcance das correspondências cósmicas, de modo que lhes acontecia aplicar imprudentemente a determinado domínio leis válidas para outro, como por exemplo crer que as salamandras suportam o fogo — e que inclusive podem apagá-lo — por causa de certas propriedades desses batráquios e, sobretudo, por causa da confusão entre eles e os "espíritos ígneos" de mesmo nome; os antigos estavam sujeitos a semelhantes erros, já que ainda conheciam por experiência o caráter protéico da substância sutil que envolve e penetra o mundo material ou, em outros termos, já que a barreira entre os estados corporais e anímicos ainda não estava tão coagulada como em épocas mais tardias. O homem de hoje, por sua vez, é relativamente desculpável também nesse plano, mas em direção inversa, no sentido de que a total ausência de experiência das manifestações anímicas sensíveis parece confirmar seu materialismo; no entanto, seja qual for a inexperiência do mundo moderno nas coisas de ordem anímica ou sutil, existem não obstante fenômenos deste gênero que de nenhum modo lhe são inacessíveis em princípio, mas que ele *a priori* qualifica de "superstições" e abandona aos ocultistas.

Além disso, a aceitação da dimensão anímica faz parte da religião: não se pode negar a magia sem errar na fé; com relação aos milagres, se superam o plano anímico no que diz respeito a sua causa, não obstante o atravessam no que diz respeito a seu efeito. Na linguagem dos teólogos, o termo "superstição" presta-se a uma confusão, pois expressa idéias completamente diferentes: por um lado, uma falsa aplicação do sentimento religioso, e, por outro, a crença em coisas irrealis ou ineficazes. Assim, chamam de "superstição" o espiritismo, que só o é do ponto de vista da interpretação e do culto, não dos fenômenos, e ciências como a astrologia, que são totalmente reais e eficazes e que não implicam nenhuma desviação de tipo pseudo-religioso. Na realidade, é preciso entender por superstição não as ciências ou os fatos que são ignorados e ridicularizados sem que deles tenha sido

compreendida uma única palavra, mas as práticas vão em si mesmas ou totalmente incompreendidas, chamadas a suprir a ausência de atitudes espirituais ou ritos eficazes; e também é supersticiosa uma interpretação errônea ou abusiva de um simbolismo ou de qualquer coincidência, com freqüência em conexão com temores ou escrúpulos quiméricos, e assim por diante. Em nossos dias, a palavra "superstição" já não significa nada; quando os teólogos a empregam — insistamos neste ponto —, nunca se sabe se censuram uma diabrura concreta ou uma simples ilusão; para eles, um ato mágico e um simulacro de magia parecem ser a mesma coisa, e não sentem a contradição que há em declarar ao mesmo tempo que a bruxaria é um grande pecado e que não é mais que uma superstição.

Mas retornemos às ingenuidades científicas dos antigos: segundo Santo Tomás de Aquino, "um erro que diz respeito à criação engendra uma falsa ciência sobre Deus", o que não significa que o conhecimento de Deus exige um conhecimento total dos fenômenos cósmicos — condição, aliás, totalmente irrealizável —, mas que nosso conhecimento deve ser ou simbolicamente correto ou fisicamente adequado; neste último caso, ele deve guardar para nós uma inteligibilidade simbólica, sem a qual qualquer ciência é vã e nociva. Por exemplo: a terra plana e a rotação do céu são comprovações diante das quais a ciência humana tem o direito de se deter ou de se limitar, visto que o simbolismo espiritual reflete adequadamente uma situação real; mas a hipótese evolucionista é uma tese falsa e perniciosa ao mesmo tempo, já que — além de ser contrária à natureza das coisas — priva o homem de seu significado essencial e ao mesmo tempo arruina a inteligibilidade do mundo. Na ciência humana sobre os fenômenos há sempre uma parte de erro; neste terreno só podemos alcançar conhecimentos relativos, mas que podem ser globalmente suficientes dentro do contexto de nossa ciência espiritual. Os antigos conheciam as leis sensíveis da natureza, sua astronomia se baseava mais ou menos nas aparências e continha erros materiais — não espirituais, já que as aparências são providenciais e têm para nós um significado —, mas esta deficiência é amplamente compensada pela totalidade do saber tradicional, que, de fato, abarca os Anjos, os Paraísos, os demônios, os infernos, a espontaneidade não-evolutiva da criação — isto é, a cristalização das Idéias celestiais na substância cósmica —, o fim apocalíptico do mudo e muitos outros dados mais; esses dados — seja qual for seu revestimento místico — são essenciais para o ser humano. Por outro lado, uma ciência que nega esses fatos, ainda que fosse prodigiosa na observação material dos fenômenos sensíveis, não poderia reivindicar o princípio enunciado por Santo Tomás, em primeiro lugar porque o saber das coisas essenciais tem primazia sobre o saber das coisas secundárias, e depois porque um saber que exclui, de fato e por princípio, as coisas

Todos os direitos reservados. É permitida a impressão deste texto, para usos individuais e particulares apenas. É proibida toda reprodução eletrônica, sob qualquer forma, bem como toda reprodução impressa que não individual e para uso particular. (www.sapientia.com.br)

essenciais da criação está infinitamente mais longe da adequação exata e total do que uma ciência aparentemente "ingênua", mas integral.

Se é "ingênuo" crer — porque é assim que se vê — que a Terra é plana e que o céu com os astros gira ao seu redor, não é menos "ingênuo" considerar o mundo sensível como o único mundo, ou como o mundo total, e crer que a matéria — ou a energia, se preferirem — é a Existência enquanto tal; estes erros são inclusive infinitamente mais graves do que o do sistema geocêntrico. Além disso, o erro materialista e evolucionista, como dissemos, é infinitamente nocivo — a cosmologia primitiva e "natural" não o é em nenhum grau —, o que mostra claramente que não há nenhuma medida comum entre a insuficiência da antiga cosmografia e a falsidade global — não dizemos "parcial" — desta ciência prometética e titânica cujo princípio foi-nos legado pela decadência grega.

E é isto que é característico dos estragos do cientismo e de sua psicologia particular: se se demonstra a um progressista convencido que o homem não poderia suportar psicologicamente o ambiente de outro planeta — fala-se de neles criar colônias em caso de superpopulação terrestre —, ele responderá sem pestanejar que vai-se criar um homem novo que tenha as qualidades requeridas; esta inconsciência e esta insensibilidade já são um sinal do inumano e do monstruoso, pois, ao negar o que há no homem de total e inalienável, ridiculariza-se a intenção divina que nos faz ser o que somos e que consagrou nossa natureza pelo "Verbo feito carne". Tácito zombava dos germânicos que tentavam deter uma torrente com seus escudos; isso, no entanto, não é mais ingênuo do que crer na imigração planetária, ou na instalação, com meios puramente humanos, de uma sociedade humana definitivamente satisfeita e totalmente inofensiva continuando indefinidamente em progresso. Tudo isso prova que o homem, se chegou a ser necessariamente menos ingênuo para algumas coisas, não aprendeu nada quanto ao essencial, para dizer o mínimo; a única coisa de que é capaz o homem abandonado a si mesmo é "fazer os pecados mais antigos da maneira mais nova", como diria Shakespeare. E, sendo o mundo o que é, sem dúvida não se incorre em um truísmo por acrescentar que vale mais ir ingenuamente para o Céu do que ir inteligentemente para o inferno.

Quando se busca reconstituir a psicologia dos antepassados, quase sempre comete-se o grave erro de nunca levar em conta as repercussões internas de suas manifestações externas: o que importa não é um aperfeiçoamento superficial, mas a eficácia de nossas atitudes com vistas ao Invisível ou Absoluto. Modos de pensar e agir que eventualmente nos desconcertam por sua ingenuidade na superfície — particularmente na vida dos santos — freqüentemente encobrem uma eficácia tanto maior em profundidade; o homem das épocas mais tardias, por mais que tenha acumulado um sem número de experiências e muita

habilidade, é com certeza menos "autêntico" e "eficaz", ou menos sensível ao influxo do sobrenatural, que seus pais longínquos; por mais que sorria — o "civilizado" feito "adulto" — diante de um raciocínio aparentemente simplista ou de uma atitude *a priori* infantil ou "pré-lógica", a eficácia interna desses pontos de referência lhe escapa. Os historiadores e os psicólogos estão longe de duvidar que a casca dos comportamentos humanos é sempre algo relativo e que um mais ou um menos neste único plano não tem nada de decisivo, visto que só importa o mecanismo interno de nosso contato com os estados superiores ou os prolongamentos celestiais; calcula-se em alguns milênios a distância entre um atual primitivo e um civilizado, enquanto que a experiência prova que esta separação, onde existe, não é mais do que de alguns dias, pois o homem é por toda parte e sempre o homem.

Não só a ingenuidade e a superstição são deslocadas; também o é a inteligência, e uma coisa vem junto com a outra; pode-se dar-se conta disso ao ler textos filosóficos ou críticas de arte, onde um individualismo desabrido trata de realçar-se com os suportes de uma pretenciosa pseudo-psicologia; é como se se quisesse adotar a sutileza de um escolástico e a sensibilidade de um trovador para dizer que faz calor ou frio. É feito um monstruoso esbanjamento de habilidade mental para exteriorizar opiniões que não têm nenhuma relação com a inteligência; os que por natureza não estão dotados intelectualmente aprendem a fingir que pensam e inclusive já não podem prescindir desta impostura; enquanto que os que são dotados correm o risco de esquecer-se de pensar ao seguir a corrente. A aparência de uma subida é na realidade, aqui, uma descida, a ignorância e a ininteligência estão à vontade dentro de um refinamento completamente superficial, e daí resulta um clima que faz com que a sabedoria apareça sob um aspecto de ingenuidade, de rusticidade e de sonho.

Em nossos dias, todos querem parecer inteligentes; preferir-se-ia ser tachado de criminoso a sê-lo de ingênuo, se isso pudesse ser feito sem riscos. Mas, como não se obtém inteligência do vazio, lança-se mão de subterfúgios: um dos mais comuns é a mania de "desmistificação", que permite tomar ares de inteligente sem fazer muito esforço, pois basta dizer que a reação normal diante de um fenômeno é um "preconceito" e que já é hora de apresentá-lo fora da "lenda"; se se pudesse sustentar que o oceano é um tanque e o Himalaia uma colina, isso seria feito. A certos autores resulta impossível limitar-se a comprovar, como todos o fizeram antes deles, que tal coisa ou tal homem teve tais qualidades e tal destino; é preciso sempre começar por sublinhar que "já se disse muito que..." e que a realidade é totalmente diferente e que por fim descobriu-se e que antes todo mundo estava

Todos os direitos reservados. É permitida a impressão deste texto, para usos individuais e particulares apenas. É proibida toda reprodução eletrônica, sob qualquer forma, bem como toda reprodução impressa que não individual e para uso particular. (www.sapientia.com.br)

na "mentira". Este estratagema é aplicado sobretudo às coisas evidentes e universalmente conhecidas; sem dúvida seria demasiado ingênuo reconhecer em duas palavras que um leão é um carnívoro e que não é totalmente inofensivo.

De qualquer modo, por todos os lados há e sempre houve ingenuidade; é impossível ao homem escapar-lhe a não ser além do humano; e nesta verdade situa-se a chave e a solução do problema. Pois o que importa não é saber se a dialética ou os comportamentos de um Platão são ou não ingênuos, ou se o são neste ou naquele grau — seria interessante saber onde se encontram as medidas absolutas de tudo isto —, mas unicamente o fato de que o sábio ou o santo têm interiormente acesso à Verdade concreta; a formulação mais simples — sem dúvida a mais "ingênuo" para o gosto de alguns — pode constituir o umbral do Conhecimento mais total e profundo².

Se a Bíblia é ingênuo, é uma honra ser ingênuo; se os filosofismos negadores do Espírito são inteligentes, não existe inteligência. Por trás da humilde crença em um Paraíso situado nas nuvens há ao menos um fundo de verdade inalienável e, acima de tudo — e isto não tem preço —, uma realidade misericordiosa que nunca falha.

(extraído de *O Homem no Universo*, Perspectiva, São Paulo, 2001.)

². "Bem-aventurados os pobres de espírito, pois deles é o Reino dos Céus" (Mt 5,3). "Que vossa palavra seja : sim, sim; não, não; tudo o que passa disso procede do mal" (Ibid, 5, 37). "Se não vos converterdes e não vos fizerdes como as crianças, nunca entrareis no Reino dos Céus" (Ibid, 18, 3). "Bem-aventurados os que crêem sem ver" (João 20, 29).